

Vitrine Humana

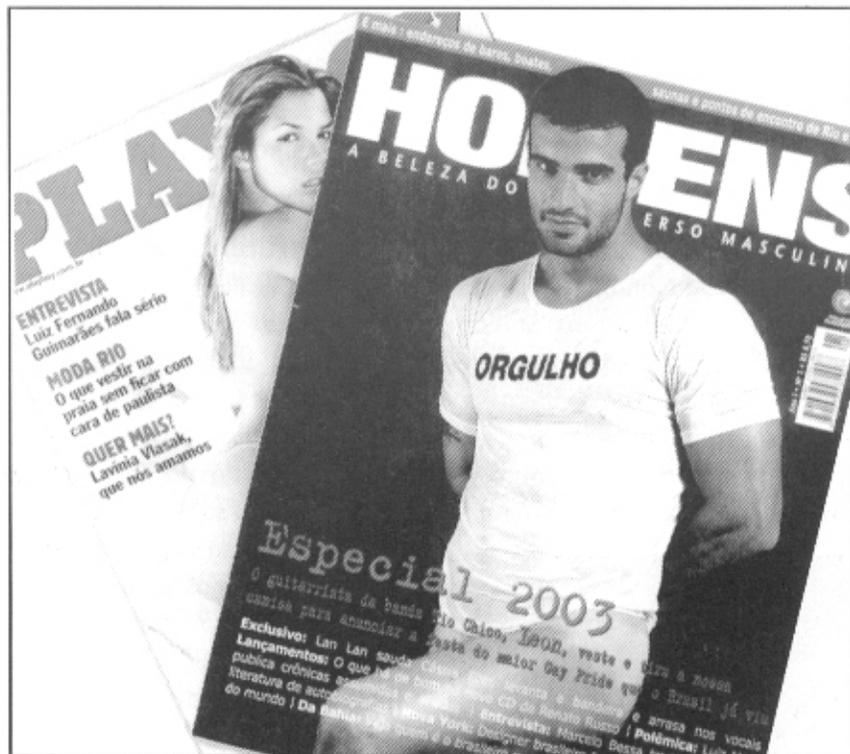
No shopping do mundo: arte, publicidade e mercado clandestino, os diversos meios de vender o corpo

ANNA BEATRIZ MATTOS, GIZELE TOLEDO, ISABELA CARVALHO E TALITA CHAVES



Desfilando na praia de biquíni sem celulite: não tem preço. Manter um corpo musculoso sem nunca tomar anabolizante: não tem preço. Apreciar a Thaís do Big Brother Brasil na capa da Playboy: R\$ 7,50 nas bancas de jornal, cerca de R\$ 150 mil no bolso da modelo e alguns milhões à revista. Sempre existem consumidores para todas as curvas, formas e atributos pessoais femininos e masculinos. A comercialização do corpo humano movimentou uma enorme quantia em dinheiro no mercado econômico. Esse valioso objeto de troca é oferecido como produto nos mais variados tipos de comércio: a prostituição, as propagandas publicitárias, a venda de órgãos e a exploração das imagens – ícones de perfeição.

A exposição das formas do corpo humano nunca esteve fora de moda. Desde as pinturas do modernista Lucian Freud, passando pelas esculturas de Michelangelo até às fotografias sen-



O nu estampado nas revistas

suais e eróticas dos dias atuais, a aparência física em evidência sempre atraiu o público. Na sociedade capitalista do século XX, há uma tendência em se mercantilizar qualquer coisa: não somente os produtos, mas também a natureza, o conhecimento, os sentimentos, o próprio corpo.

A discussão envolve princípios éticos e políticos. Para a professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio Flávia Solero o ser humano tem o livre arbítrio para usar o corpo da maneira que desejar, desde que não prejudique ninguém. "Sou a favor de uma modelo fazer regimes e pintar o cabelo porque usa o seu

corpo como instrumento de trabalho. O problema é quando o limite da liberdade é ultrapassado, como no caso da venda de órgãos e da barriga de aluguel", diz Flávia.

A imagem do corpo é uma forma de despertar o interesse para o consumo. Com esse objetivo, revistas de entretenimento exibem em suas páginas de propaganda o corpo de mulheres e homens muito bem delineados. Em edições dedicadas ao público masculino, como as revistas *Sexy* e *Playboy*, o corpo nu é a estrela. Mulheres exibem seus dotes em ensaios temáticos, como o da ex-*Big Brother* Thaís. Depois de ter posado para o *site* Paparazzo, ela foi capa da *Playboy*. "A profissão de modelo ou dançarina deve ser tão valorizada quanto a de um médico. Enquanto uns salvam vidas, outros promovem entretenimento", alega Thaís.

Apesar de ter incorporado a personagem Lolita, o significado artístico do trabalho não foi o



Um stripper em ação provocando uma cliente

que motivou Thaís a fazer as fotos. "É hipocrisia se alguém disser que posou nu por algum outro motivo que não o financeiro. Ninguém vai se expor para milhares de pessoas apenas com o intuito de massagear o ego", afirma.

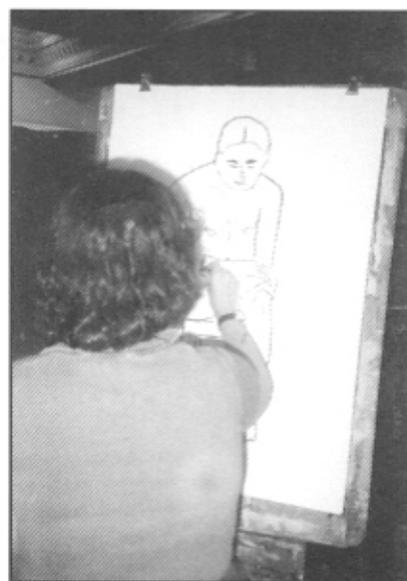


A profissão de modelo ou dançarina deve ser tão valorizada quanto a de um médico. Enquanto uns salvam vidas, outros promovem entretenimento."

*Thaís, ex-*Big Brother* Brasil*

A venda legal do corpo

A exploração da imagem do corpo não fica só no papel. Quem não se contenta com fotos, pode ver suas fantasias personificadas em carne e osso. Dançarinas de boates chamadas *strippers* fazem uso do corpo para estimular os desejos de clientes. Mas se engana quem pensa que atrações desse tipo são sempre direcionadas ao público masculino. O *Lady's Club* que funciona na casa noturna Dito e Feito recebe, em média, 500 mulheres por *show* e tem duas horas de duração. Clientes homens só do lado de fora. Lá dentro, elas gritam, passam a mão e até sobem no palco, onde simulam cenas de sexo com os dançarinos.



A modelo-vivo Marcela Levi no esboço de Isabela Marinho

Caracterizados por personagens como Don Juan e Jason, os *strippers* despertam os desejos das clientes, mas afirmam não aceitar programas. "Sinto um prazer indescritível quando as meninas enlouquecem com a nossa performance. Elas se liberam justamente por não estarem sendo julgadas por outros homens", diz o dançarino Leon, de 26 anos, que também já posou para uma revista *gay*. O colega de trabalho Marquinhos, de 25 anos, tem consciência de que seu corpo é lucrativo. "Nós somos uma vitrine", afirma.

Outras pessoas também fazem do corpo uma vitrine. É o caso dos modelos-vivos que ganham bons salários para posar diante de artistas. Esses profissionais são muito procurados por escolas de arte e faculdades de Desenho Industrial para expor seu físico nu, servindo de modelo para os desenhos dos alunos. Marcela Levi, contratada pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage,

recebe R\$ 70 por duas horas de trabalho. O corpo é valorizado e a vantagem é que os profissionais desse ramo não sofrem discriminação. "As pessoas costumam encarar esse trabalho como meramente artístico. Meu corpo é visto como instrumento". Mas não é fácil: o modelo-vivo pode ter que ficar na mesma posição por até 40 minutos, sem se mexer. Ficar parado também cansa.

Projeto para legalizar a prostituição gera polêmica

Se uns escolhem vender o corpo de forma lícita, muitas vezes movidos pela satisfação artística, outros acabam se envolvendo no comércio ilegal. Os motivos são vários: desespero, desemprego, desejo de lucro rápido e de consumo, exclusão social, enfim, cada um conta a sua versão pessoal. Segundo a garota de programa Aline, de 20 anos, o primeiro passo para começar no ramo da prostituição é se cadastrar em uma agência, por motivos de segurança. "Entreí nesta vida por grana. Depois que adquiri experiência, comecei a trabalhar como autônoma colocando fotos na internet e anúncios nos jornais, sempre procurando esconder o rosto", conta Aline.

As prostitutas sofrem preconceito não apenas por serem julgadas responsáveis pela transmissão de doenças, mas sobretudo pelo ofício que escolheram. O problema é moral. O senso comum olha para elas com indignação. O deputado federal Fernando Gabeira (PT-RJ) é autor de projeto encaminhado ao Congresso Nacional que pretende



Beijo da Rua um dos jornais da ONG Da Vida

regulamentar a atividade dos profissionais do sexo. Segundo Gabeira, a legalização possibilitaria que as prostitutas tivessem direito à assistência social. Elas poderiam assinar contratos de trabalho, decidir os serviços que desejariam prestar, além de receber auxílio jurídico, seguro-desemprego, seguro-saúde e aposentadoria. O estímulo à prostituição, delito atualmente punido com três anos de prisão, seria parcialmente retirado do Código Penal.

O projeto de Gabeira é inspirado na legislação alemã, em vigor desde janeiro de 2002. "As razões que levaram à legalização na Alemanha são válidas no Brasil. Aqui existe superexploração, violência policial e absoluta carência de assistência médica", afirma Gabeira.

É para suprir essa falta de amparo que a ONG Da vida -

prostituição, direitos civis e saúde investe na cidadania desses profissionais. Divulgar a camisinha e o combate à AIDS em zonas de prostituição é um dos objetivos da organização. Como meio de informar as garotas de programa, a instituição também produz o jornal Beijo da Rua, uma publicação mensal distribuída gratuitamente em 15 estados brasileiros e na Alemanha.

Fundadora da ONG e coordenadora da Rede Brasileira de Profissionais do Sexo, a ex-prostituta Gabriela Silva Leite acredita que o projeto de Gabeira é fruto da luta das garotas de programas brasileiras. "Prostituir-se não é ilegal, mas o ultrapassado Código Penal de 1940 pune os cafetões por considerar que uma mulher não pode optar pela profissão do prazer", afirma Gabriela.

Nem todos concordam com o projeto de regulamentar a prostituição. A ex-BBB Thaís é contra a legalização porque estimularia o mercado do sexo. Na opinião dela, essa prática incentivaria o aborto e a difusão de doenças. "Sexo deve ser feito com amor e nunca por dinheiro", acrescenta. A coordenadora dos projetos da ONG Da Vida, Warley Costa, contra-argumenta: "É pequena a percentagem de doenças sexuais transmitidas por prostitutas, pois a maioria se previne".

Órgãos humanos são comercializados no Brasil

Enquanto a prostituição é uma espécie de venda corporal bastante conhecida, o tráfico de órgãos humanos ainda permanece como uma incógnita para grande parte da população mundial. A imprensa internacional já veiculou muitas notícias sobre a compra e a venda de órgãos. As denúncias relacionam seqüestros e mortes de crianças com a retirada de parte de seus corpos para a realização de transplantes.

Sensacionalismo ou não, existem processos penais contra médicos que favoreceram esse tipo de comércio. No Brasil, particularmente no Rio de Janeiro, o caso que mais chocou a opinião pública foi o do auxiliar de enfermagem Edson Izidoro Guimarães, de 42 anos, suspeito de matar 131 pessoas na Unidade de Pacientes Traumáticos (UPT) do Hospital Salgado Filho para vender seus órgãos. O ladrilheiro Antônio Marques Rodrigues Barbosa, filho de uma das víti-



**"Quando fui
ao necrotério
reconhecer o corpo
da minha mãe,
ela estava sem
as córneas, com
esparadrapos no
lugar dos olhos."**

*Antonio Marques Barbosa,
ladrilheiro*

mas, lamenta: "Quando fui ao necrotério reconhecer o corpo da minha mãe, ela estava sem as córneas, com esparadrapos no lugar dos olhos".

As delegacias responsáveis por esse tipo de crime são as de Proteção à Criança e ao Adolescente – já que o desaparecimento de crianças geralmente é associado ao tráfico de órgãos – e a Delegacia de Crime contra a Saúde Pública. Apesar da existência de depoimentos contundentes de familiares de possíveis vítimas, grande parte dos delegados prefere não fazer qualquer espécie de declaração a respeito deste assunto. Na China, o comércio de órgãos se tornou muito comum. Em entrevista ao jornal americano *The Washington Post*, o médico chinês Wang Guoqi confirmou a prática chinesa de remoção de partes do corpo humano para transplantes. Em busca de asilo político nos Estados Unidos, ele confessou ter participado de um

esquema de retirada de córneas e peles para enxerto de mais de cem presos executados, sendo que um dos quais ainda nem havia morrido. Os órgãos eram vendidos para transplantes em hospitais. Há suspeitas de que a China execute mais presos por ano do que qualquer outro país. Pessoas de várias partes do mundo viajam ao local para realizar transplantes de órgãos. Elas são, ao mesmo tempo, vítimas e financiadoras desse círculo vicioso.

A venda ilegal de órgãos envolve vida e morte, um complexo paradoxo. Mas a regra é simples: para que se possa salvar vidas é preciso antes acabar com outras. Na mesma lógica, dor e prazer são uma dicotomia enfrentada por quem escolheu o caminho da prostituição. O prazer de uns é condicionado pela transformação do corpo de outros em mercadoria, uma experiência que pode ser encarada como dolorosa. "A fronteira entre a dor e o prazer é muito tênue. Na complexidade do homem as duas coisas se entrelaçam", diz a psicóloga Flávia Solero. No campo da estética, arte e discriminação são dois conceitos que convergem quando ocorre a fuga dos padrões morais ditados pela sociedade. "O preconceito a certos trabalhos artísticos é sempre apontado como coletivo, mas nunca assumido individualmente", diz o produtor do *Lady's Club*, Aurino Reis. Dinheiro ou fama. Essas são as motivações básicas por trás das várias maneiras de se estabelecer um preço ao corpo humano.

